

DUAS CATEGORIAS ECOLÓGICAS DE SAMAMBAIAS SOB GRADIENTE ALTITUDINAL NA MATA ATLÂNTICA NO SUL DO BRASIL



Frederico V. Coelho¹ & Gerhard E. Overbeck²

¹ Graduando em Ciências Biológicas, UFRGS (fredericovcoelho@gmail.com); ² Departamento de Botânica, UFRGS.

INTRODUÇÃO

A riqueza de organismos é influenciada por variáveis ambientais que determinam os padrões de distribuição. Desta forma espera-se que hajam diferenças nos padrões de distribuição e riqueza das famílias Dryopteridaceae (predominantemente terrícola) e Polypodiaceae (epifítica) ao longo de um gradiente de altitude na Floresta Ombrófila Densa (FOD) no Rio Grande do Sul.

METODOLOGIA

Foram delimitadas 20 áreas de estudo divididas em 4 tipos de formações florestais (Fig. 1, TB, SU, MO, AL). Em cada área 6 parcelas (10 × 10 m) foram implementadas, onde as espécies foram inventariadas. As médias de riqueza das comunidades em diferentes altitudes foram comparadas através de Análises de Variância com teste de randomização. Utilizou-se Análises de Coordenadas Principais (PCoA) para a visualização dos padrões das comunidades.



Tabela 1. Lista de espécies de samambaias que ocorrem em quatro formações da Mata Atlântica no nordeste do Rio Grande do Sul. TB: Terras Baixas; SU: Submontana; MO: Montana; AL: Altomontana.

FAMILIAS/Espécies	TB	SU	MO	AL
DRYOPTERIDACEAE				
<i>Ctenitis falciculata</i> (Raddi) Ching	X	X		
<i>Ctenitis submarginalis</i> (Langsd. & Fisch.) Ching	X	X		
<i>Didymochlaena truncatula</i> (Sw.) J.Sm.	X	X		
<i>Elaphoglossum luridum</i> (Fée) Christ	X	X		
<i>Elaphoglossum sellowianum</i> (Klotzsch.) Moore			X	X
<i>Lastreopsis amplissima</i> (C.Presl) Tindale	X	X	X	X
<i>Mickelia guianensis</i> (Aubl.) R.C. Moran	X	X	X	X
<i>Megalastrum connexum</i> (Kaulf.) A.R.Sm. & R.C.Moran	X	X		
<i>Polybotrya cylindrica</i> Kaulf.	X	X	X	
<i>Polystichum montevidense</i> (Spreng.) Rosenst.			X	X
<i>Rumohra adiantiformis</i> (G.Forst.) Ching	X	X	X	X
POLYPODIACEAE				
<i>Campyloneurum acrocarpon</i> Fée	X	X		
<i>Campyloneurum aglaolepis</i> (Alston) de la Sota			X	X
<i>Campyloneurum austrobrasiliense</i> (Alston) de la Sota	X	X	X	X
<i>Campyloneurum nitidum</i> (Kaulf.) C.Presl.	X	X	X	X
<i>Campyloneurum rigidum</i> J.Sw.	X	X		
<i>Campyloneurum</i> sp.1			X	
<i>Ceradenia albidula</i> (Baker) L.E.Bishop			X	X
<i>Cochlidium punctatum</i> (Raddi) L.E.Bishop			X	X
<i>Lellingeria organensis</i> (Gardner) A.R.Sm. & R.C.Moran			X	X
<i>Lellingeria schenckii</i> (Hieron.) A.R.Sm. & R.C.Moran			X	X
<i>Microgramma vacciniifolia</i> (Langsd. & Fisch.) Copel	X	X	X	X
<i>Microgramma squamulosa</i> (Kaulf.) de la Sota	X	X	X	X
<i>Niphidium rufosquamatum</i> Lellinger	X	X	X	X
<i>Pecluma</i> cf. <i>recurvata</i> (Kaulf.) M.G.Price			X	X
<i>Pecluma paradiseae</i> (Langsd. & Fisch.) M.G.Price			X	X
<i>Pecluma pectinatifolia</i> (Lindm.) M.G.Price	X	X	X	X
<i>Pecluma chnoophora</i> (Kunze) Salino & Costa Assis	X			
<i>Pecluma robusta</i> (Fée) M.Kessler & A.R.Sm.	X			
<i>Pecluma sicca</i> (Lindm.) M.G.Price	X	X	X	X
<i>Pleopeltis hirsutissima</i> (Raddi) de la Sota	X	X	X	X
<i>Pleopeltis macrocarpa</i> (Bory ex Willd.) Kaulf.	X	X	X	X
<i>Pleopeltis pleopeltidis</i> (Fée) de la Sota	X	X	X	X
<i>Pleopeltis pleopeltifolia</i> (Raddi) Alston	X	X	X	X
<i>Pleopeltis polypodioides</i> (L.) Andrews & Windham	X	X	X	X
<i>Serpocaulon catharinae</i> (Langsd. & Fisch.) A.R.Smith	X	X	X	X
<i>Serpocaulon laetum</i> (C.Presl) Schwartsb. & A.R.Sm.	X	X	X	X
<i>Serpocaulon latipes</i> (Langsd. & L.Fisch.) A.R.Sm.	X	X	X	X
<i>Serpocaulon menisciifolium</i> (Langsd. & Fisch.) A.R.Sm.	X	X	X	X
<i>Zygophlebium longipilosa</i> (C.Chr.) L.E.Bishop	X	X	X	X

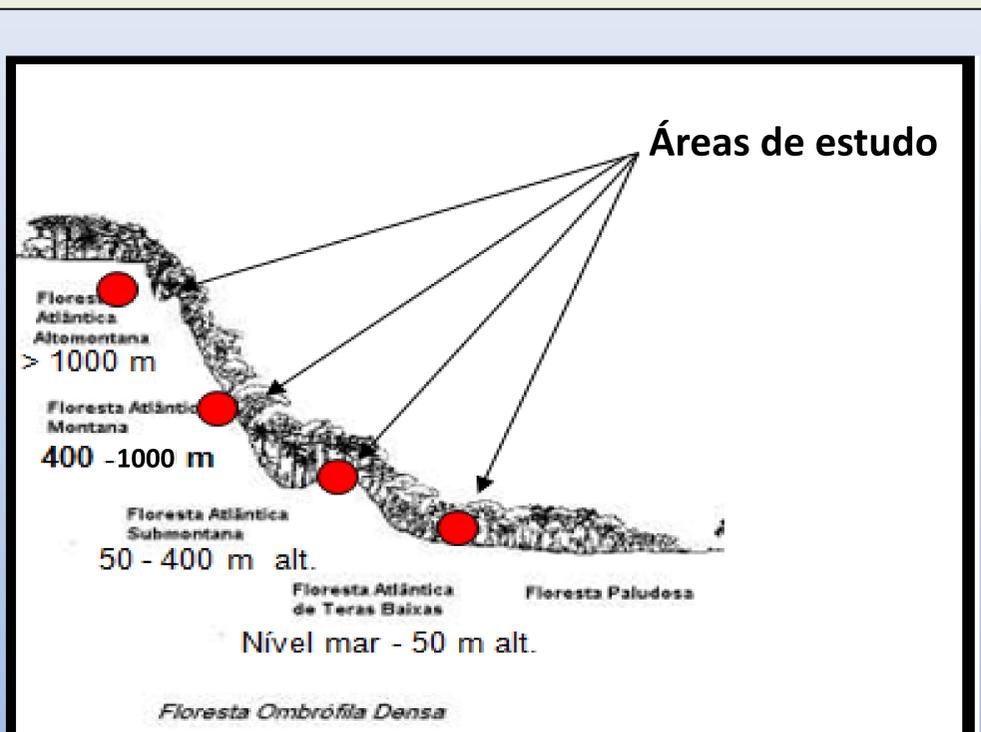


Fig. 1: Perfil esquemático do gradiente de altitude, no sul da Mata Atlântica no Rio Grande do Sul. * adaptado, Brack et al. 2009.

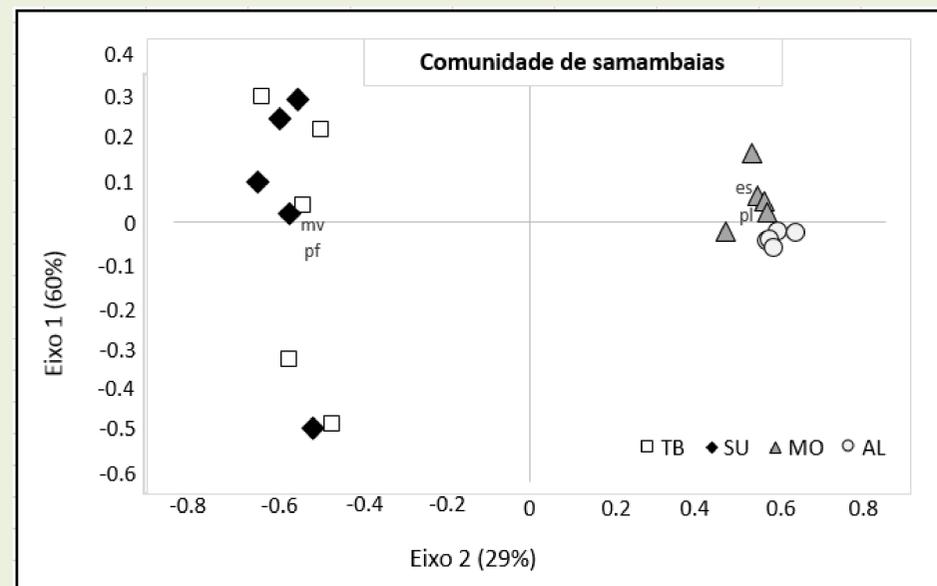


Fig. 4: PCoA de áreas florestais descritas por dados de presença / ausência das comunidades samambaias na Terras Baixas (TB - quadrados), Submontana (SU - losango), Montana (MO - triângulos) e florestas de montanha (AL - círculos). Explicação do eixo 1 = 60% e do eixo 2 = 29%. Espécie, es: *Elaphoglossum sellowianum*; mv: *Microgramma vacciniifolia*; pf: *Pleopeltis pleopeltifolia*; pl: *Pleopeltis pleopeltidis*.

RESULTADOS

Foram registradas 39 espécies (Tab. 1), sendo: 11 (Dryopteridaceae) e 29 (Polypodiaceae). A riqueza de espécies epifíticas (da família Polypodiaceae) aumentou significativamente com a altitude. A formação Altomontana (FODAL) apresentou o valor mais alto de riqueza média de espécies epifíticas (8 espécies) enquanto que FODTB foi o mais baixo (5). Já a categoria terrícola (Dryopteridaceae) teve distribuição similar ao longo do gradiente, com a maior riqueza média de espécies em FODSU (3 espécies). O PCoA indicou uma separação entre as formações da planície (TB e SU) e Montana (MO e AL) (Fig. 4). *Microgramma vacciniifolia* e *Pleopeltis pleopeltifolia* estão associados à planície e *Elaphoglossum sellowianum* e *Pleopeltis pleopeltidis* as formações Altas.

CONCLUSÃO

Os padrões de riqueza e distribuição nas famílias verificados neste estudo parecem relacionadas à hipótese da heterogeneidade ambiental ao longo do gradiente. Estudos mais aprofundados para identificar a ação dos efeitos da distribuição causada pela altitude estão sendo realizadas pelos autores.